



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Serguei Iessiênin, primeiros poemas

Sergei Yesenin, first poems

Autor: André Nogueira
Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil
Edição: RUS, Vol. 14. Nº 24
Publicação: Maio de 2023
Recebido em: 25/04/2023
Aceito em: 10/05/2023

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2023.211027>

NOGUEIRA, André.
Serguei Iessiênin, primeiros poemas.

RUS, São Paulo, v. 14, n. 24, pp. 174-212, 2023.



Serguei Lessiênin, primeiros poemas

André Nogueira*

Resumo: Coletânea de 34 poemas juvenis de Serguei lessiênin, datados entre 1912 e princípios de 1917, traduzidos ao português. Este trabalho de tradução é apresentado pelo artigo precedente: “lessiênin de frente para trás”.

Abstract: Collection of 34 juvenile poems by Serguei lessiênin, dated between 1912 and early 1917, translated into portuguese. This translation work is introduced by the preceding article: “lessiênin from front to back”.

Palavras-chave: Serguei lessiênin; Coletânea; Poemas
Keyword: *Sergei Yesenin*; Collection; Poems

* Poeta, tradutor. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Orientais, Mestre em Literatura e Cultura Russa. Graduação no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2105-1216>; <http://lattes.cnpq.br/9852596031311751>; andrebaacciottinogueira@gmail.com

Tardezinha a fumar, cochila o gato no alparuz.
Alguém desfia sua prece: “meu Jesus”.

O sol desce, dourando a neblina,
A janela entalhada, a vermelha cortina.

A aranha no telhado sua teia desenrola.
Nalgum canto rói o rato na gaiola...

À clareira no bosque – montões de feno,
Os abetos se torcem, as nuvens fendendo.

E a mata orvalhada nas brumas incensa...
No peito só paz e potência.

1912¹

¹ Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Задымился_вечер,_дремлет_кот_на_брусе_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Задымился_вечер,_дремлет_кот_на_брусе_(Есенин))

Bétula

Branca esta bétula
Frente ao casebre,
De neve coberta,
Que prata recebe.

Uma faixa de neve
E os ramos embaixo.
Das franjas em breve
Despontam os cachos.

Da bétula à tarde
Seu branco é corado.
E nos flocos já arde
Algum fogo dourado.

E o dia partiu,
Para longe se aparta.
E aos ramos cobriu
Nova prata.

1913²

² Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Берёза_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Берёза_(Есенин))

Rincão meu amado! Alegra-me ver-te
Solar como em feno de oiro.
Quisera me perder pelos teus verdes
Tilintantes de sininhos e arroios.

Nos limites onde as sendas se entretecem
De trifólios a casula e resedá.
E faça o vento mansas preces
Os salgueiros como monjas segredar.

Com as nuvens já se incensa o arvoredo,
E o braseiro no celeste balancim.
Na minha alma guardarei este segredo
E desta terra nem que seja um pedacinho.

Vou de tudo ao encontro, a tudo eu recebo,
Feliz e contente esta sebe transponho.
Se caí neste rincão foi para cedo
Ir-me daqui como de um sonho.

1914³

³ Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Край_любимый!_Сердцу_снятся_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Край_любимый!_Сердцу_снятся_(Есенин))

Irei num solidéu, um monge humilde
Ou esmoler de olhos azuis.
Onde sob este céu para além dos limites
O leite de bétulas flui.

Eu quero da terra medir os confins,
Só confiar na estrela guia,
Que no sulco do centeio é dada a mim
Como a qualquer esta alegria.

Já o dia com mãos frescas de sereno
As maçãs do crepúsculo apanha.
Consigno escutar na colheita do feno
A canção das gadanhas.

Olhando esta sebe de pau tão estreita
Quis além ter viajado.
Feliz quem seus dias enfeita
Com saco de alforje e cajado.

Feliz quem sob a capa maltrapilha,
Sem amigo ou inimigo,
Vagueia a estrada tranquila
Às gavelas rezando e ao trigo.

1914-1922⁴

⁴ Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Пойду_в_скуфье_смирным_иноком_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Пойду_в_скуфье_смирным_иноком_(Есенин))

Na choupana

Cheira a torta de batata
E na soleira eis o kvass no canjirão.
Pelos buracos nas paredes as baratas
Escalam e entram detrás do fogão.

Passeiam pulgões em longas fileiras,
A fumaça serpenteia no telhado.
No banco, detrás do saleiro,
As cascas dos ovos quebrados.

Paciente atiçar outra vez o braseiro
Com a pá a mãe inclina,
E por debaixo o velho gato já se esgueira
Beber leite fresco da tina.

Cedo os galos garganteiam
Em solene ritual de manhãzinha,
Sobre a canga da charrua o dia inteiro
Cacarejam agitadas as galinhas.

Logo aquieta a gritaria no terreiro,
À noite voltam para o ninho.
No canto, debaixo do arreo,
Uma ninhada de peludos cachorrinhos.

1914⁵

1 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/В_хате_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/В_хате_(Есенин))

As histórias de vovó

Caindo a tardinha invernal,
Nós como endiabrado bando
Dos montes de neve através do quintal
Para casa voltamos.
Já cansados do trenó,
Lado a lado sentamos ao longo
E escutamos as histórias de vovó
Sobre Ivan o louco.
E de escutar mal respiramos,
Avançam as horas.
Se dormir mamãe nos chama,
Os ouvidos entretidos ignoram.
Bem, já chega. Para a cama...
Mas, e como dormir agora?
E outra vez fazemos manha,
Conte só mais uma história!
Diz a vó meio sem jeito:
"E por acaso vocês vão virar a noite?"
Por nós, está feito –
Conte, vó, conte.

1913–1915⁶

⁶ Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Бабушкины_сказки_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Бабушкины_сказки_(Есенин))

Aô tu, Rus, pátria minha,
E os ícones na estante, e a choupana...
Não se vê nem limite nem fim –
Só o azul que nos olhos derrama.

Com o passo de um errante peregrino
Encosto junto à baixa cerca
Contemplar-te o amplo praino campesino,
De teus álamos ouvir as ramas secas.

De mel e maçã o perfume
Nas igrejas de teu manso Salvador.
Então atrás das paliçadas algo zune:
Lá nos campos o bailado começou.

Eu por veredas já pisadas corro agora
À vastidão dos verdes montes.
Retinindo com os brincos nas argolas
A brejeira rapariga ali me encontre.

Gritem-me os exércitos celestes:
"Larga a Rússia, vem viver no paraíso!"
Direi eu: "O paraíso já me destes,
Só da pátria é que eu preciso!"

1914⁷

⁷ Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Гой_ты,_Русь_моя_родная_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Гой_ты,_Русь_моя_родная_(Есенин))

Torrão, meu torrãozinho,
Tristonho pedaço de chão.
Só o bosque, e o sol já caindo,
A restinga de além ribeirão...

A velha igreja a muito custo
Estende às nuvens sua cruz.
De tristeza sequer voa o cuco,
Não quer encarar teus azuis.

Peregrinos que vêm no verão,
Com alforjes e bengalas ano a ano,
O suor no teu chão,
Torrãozinho, derramam.

Nas morenas, poeirentas suas testas,
Em seus corpos calejados se cravou
Um novo espinho a cada versta
E cada lágrima do manso Salvador.

1914⁸

⁸ Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Сторона_ль_моя,_сторонка_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Сторона_ль_моя,_сторонка_(Есенин))

Seca o terreno barrento,
Da umidade o cogumelo se nutriu.
Na pradaria baila o vento,
Alazão o burrinho num trote gentil.

Fragrância esta, inebriante de resina,
Respira o azul agitando o vimeiro.
No altar da floresta recita
O livro dos salmos o melro.

Das folhas do último ano uma letra
De cobre amanhã cai da copa.
E alguém numa rubra jaqueta
De lã no burrinho galopa.

Cachinhos ligeiros, novelo de linho,
Mas nubladas as pestanas.
Definham pinheiros, abetos definham
E gritam a ele: "Hosana!"

1914⁹

⁹ Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Сохнет_стаявшая_глина_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Сохнет_стаявшая_глина_(Есенин))

No campanário acorda o sino
E o sono a campina afugenta.
Para o sol está sorrindo
Nossa terra sonolenta.

E a voz da pancada
Aos celestes azuis
Em veloz disparada
Que estrídula flui.

Algures no córrego
A lua se esconda.
Pois rápido corre
A estrídula onda.

Desperta-se hoje
A campina já clara.
Na estrada bem longe
O estrídulo pára.

1914¹⁰

10 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Колокол_дремавший_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Колокол_дремавший_(Есенин))

Outono

*para R. V. Ivánov **

O zimbreiro num sussurro já se inclina.
O outono – égua alazã – balança a crina.

Margeando o ribeirão, num véu de charco
Azul retine a ferradura de seus cascos.

Vento-monge, aonde vai no campo aberto
A folhagem pisando, com trote discreto,

Da sorveira beija o cacho rubro-vivo:
As chagas do Cristo invisível.

1914, public. 1917¹¹

¹¹ Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Осень_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Осень_(Есенин))

Pressinto a vinda do Senhor –
Não vivo em vão.
Eu venero a vereda ao redor
De joelhos no chão.

Coroado de bétula e pinho,
É de abeto o tronco esbelto.
Sob cachos e tranças de espinhos
Vejo Cristo ressurreto.

Ele me chama para o bosque
Como a seu celeste reino.
No brocado o mato enrosca,
Fios de orvalho lhe escorrendo.

E o espírito da pomba então desceu,
Como língua de fogo.
Nos meus lábios o clamor emudeceu
E o rogo afogou-o.

Doces sonhos da infância revivendo
O coração e a pupila se acendeu.
Eu creio desde o nascimento
Na intercessão da Mãe de Deus.

1914¹²

12 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Чую_радуницу_Божью_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Чую_радуницу_Божью_(Есенин))

A debulha

Avô saiu de manhãzinha,
Ao eirado levou as gavelas:
"Vamos, vizinho,
Vem dar uma mão para o velho".

Dois montões cor de ouro,
Um na frente, outro atrás.
E começou no malhadouro
O soar dos manguais.

Avô dobra a espinha,
Revolve o montão:
"Damos, vizinho,
Uma sova no pão".

E as mãos fortes nele batem,
O grão enche a eira toda.
Aqui a farinha e o malte,
Aqui o vinho para a boda.

Depois da charrua a debulha,
Nada é dado de bandeja.
Hoje espiga seca e crua,
Borbulha amanhã a cerveja.

*1914-1916*¹³

¹³ Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Молотьба_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Молотьба_(Есенин))

A vaca

Sem dentes, a cara encolheu,
Pergaminho dos anos nos cornos.
Rude canga lhe bateu
Da moenda ao entorno.

Coração bate intranquilo,
Um rato rói alguma saca.
E lhe corta lembrar do novilho:
Eram branquinhas suas patas.

Não deram à mãe sua cria,
Emudeceu o tenro choro.
Pende atada na forquilha
Uma tira de couro.

Para em breve igual repouso
A velha vaca também parte.
Com um laço no pescoço
A levarão para o abate.

Descarnada, triste dor,
Espetará na terra o corno...
E a campina ela enxergou
De relva fresca e verde colmo.

*1915*¹⁴

14 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Корова_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Корова_(Есенин))

Canção sobre o cão

De manhã no chiqueirinho,
Em palha seca e amarela,
A sete ruivos cachorrinhos
Pariu a cadela.

A tarde toda acarinhou
Os penteando com a língua.
E derreteu pelo calor
A neve embaixo da barriga.

De noite contudo
O patrão se vestiu num casaco,
Saiu carrancudo
E a todos os sete metendo num saco.

Atrás dele correu
Pelos montes de neve, afobada...
E tão longamente tremeu
A lagoa de águas geladas.

Se arrastou de volta à orla,
Mas nenhum livrou da morte.
E acima do rancho ela olha:
Na face da lua – um filhote.

Ao azul o sonoro ganido,
Para fora põe a língua de cachorro.
A lua míngua descaindo
Para o campo atrás do morro.
Como as pedras e as esmolas
Que arremessam para ela,
Da cadela os olhos rolam:
Pela neve o par de estrelas amarelas.

1915¹⁵

15 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Песнь_о_собаке_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Песнь_о_собаке_(Есенин))

Breu ardente na celeste escuridão,
No horizonte derramou-se um fogo negro...
Aqui estou, meu campestre rincão,
Às tuas vésperas eu chego.

O balaio nas costas carrego de longe,
Do dia o azul nos meus olhos.
Pois eu sei que a terra-mãe é uma monja
E todos nós parentes próximos.

Carris nos separaram e lonjuras,
A asa azulada guardou nossas almas.
Mas a ver a luz da aurora nos conjura
A nós todos o verso do salmo.

De regresso nos conduz, jornada é longa
À verdade da cruz do arado.
Eu peço esta luz para o livro da Pomba:
Sacia com ela meus lábios.

1915¹⁶

16 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Алый_мрак_в_небесной_черни_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Алый_мрак_в_небесной_черни_(Есенин))

As velhas

Eis que as velhas à janela tagarelam.
De tardinha no copé zune o pium.
Até a mosca foi voar de junto delas
Para ouvir qual é que é o zum-zum-zum.
As vovós olham o bosque sombreado,
Lá onde os relâmpagos brilham,
E reviram suas saias de bordados,
Arregalam suas pálpebras sem cílios.
“Vai chover, – fofocam elas, –
Pois o céu está nublado, o vento agita.
Não à toa que hoje deu numa tigela
O azedume de pintar da pituíta,
Não em vão do canjirão o leite fresco
No paiol deu de coalhar,
Moça casada há de domar pelo cabresto
E não é mole para o pobre respirar”.
As velhas falam sobre a vinda do profeta
Que guia cavalos no céu fumarento.
E na granja de nuvens coberta
Lampeja de estralos a espora do vento.

1915¹⁷

17 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Старухи_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Старухи_(Есенин))

A cidade

Guardando o preceito da fé de nascença —
Nutrindo ao pecado um pudico pudor,
Eu entrei na pedregosa gruta imensa
Como um monge resistindo ao tentador.
Como formigas fervilhavam as pessoas.
Curvados os corpos envoltos nas capas,
Lá a turba atravessando as pedras ocas
Lembrava um cardume agitado de carpas.
E na alma certa alarma repentina
Soou em cueiros de pedra e silício.
Era como se nas faixas das esquinas
Da sombra uma vaca mugisse.
As carruagens trepidavam como vidro
Que de longe o rosto sente a chicotada.
Nebuloso o céu ficou descolorido
Como o xale desgastado de uma *baba*.
Com um riso pecador e serpentíssimo
Invitou a rapariga a ir atrás,
Mas eu guardava o mandamento de batismo —
Cospe com a prece em Satanás.
Como que sobre o fio metálico da faca
Rasgaram-se as botas no piso de pedra.
E disse Deus à carne fraca:
“Esquece o que viste e arreda!”

1915¹⁸

18 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Город_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Город_(Есенин))

Sou um pobre peregrino
Andarilhando à luz da vésper.
Dou louvor cantando hinos
Como os pássaros da estepe.

A folhagem caída dos ramos
É a seda para sonhos outonais.
Escutem, humanos,
O tremor dos tremedais.

Assim cantando nunciamos
Paraíso e primavera,
Assim aos álamos do campo
Dedicamos nossos versos.

Eu, um pobre peregrino,
Aos azuis me confesso.
De Deus me aproximo
De braços na relva.

Deito-me, úmido leito,
Entre continhas de sereno.
Lampião trago no peito e
Dentro dele – o Nazareno.

1915¹⁹

19 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Я_странник_убогий_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Я_странник_убогий_(Есенин))

Rus

Para ti uma coroa tenho urdido,
Tuas sendas vou de pétalas regando
Pois te amo, pois em ti eu acredito,
Oh Rus, meu pacato recanto.
Observo a imensidade de lhanuras,
Tu inteira és distante e és próxima.
Íntimos meus são os gritos das guas
E não é estranho o atalho no bosque.
Em flor o pântano, a pia batismal,
O Kuga chama para a noite desfrutar.
E estrala o degelo por todo arraial,
Rocio fresco e salutar.
Um nevoeiro assim tão denso
Dissipar não poderiam ventos teus.
Tu inteira és a mirra e incenso
De antiga magia, e oculta no breu.

1915²⁰

20 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Руси_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Руси_(Есенин))

O avô

Descendo ao campo de bardana,
Nos charcos a bota de feltro.
Em seu redor a mosquitama
Enquanto afofa o fresco esterco.

Avô assim curva a espinha,
Malhadouro o velho escova
Amontoando com ancinho
O restolho da última sova.

Aperta os olhos para o charco
A bardana apanhar pelo talo.
Onde a cheia deixou um buraco
Com a pá abre uma vala.

Fogo estrala nos cacos de louça,
Avô de novo assim se curva.
E um raio de sol leve pousa
E brinca em sua barba ruiva.

1915²¹

21 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Дед_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Дед_(Есенин))

A lua desaparecida

A nuvem se aproxima
sacudindo como um rato
Seu enorme rabo cinza.
E a lua, detrás da colina,
um ovo quebrado, –
Desliza.

De manhã o solzinho, no poço do lago
Ele fita –
 não há lua...
Do outeiro suspenso por algo
Ele grita –
 não há lua.

Ao grito ouviu um pescador,
Ocorre a ele fazer graça.
E ao reflexo do solzinho
 que na água se enroscou
O velho abraça.

Agarrou. A orelha lhe pisou com o joelho
E com força no relho o atou.
Arrastou-se e no raio de ouro
As pálpebras dele
 pregou.

Para o céu ergue seus olhos
O solzinho:
 “Como é duro meu trabalho!”
De repente um murmurinho,
suas pálpebras contrai,
Olha atrás –
 e ei-la a lua no balaio.

Dos olhos do sol uma alegre faísca,
Um esquilo de luz –
 ele pula...
O raio partido o reflexo lhe fisga
 e um estrondo se produz:
Ele rolou aos pés da lua.

O solzinho assustou um bocado...
 Gargalhou o velho avô
E um trovão fez eco ao longe.
E acenou a luz da tarde,
 pomba azul em pleno vôo,
Com as asas do horizonte.

*1915*²²

²² Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Пропавший_месяц_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Пропавший_месяц_(Есенин))

Inabalável, sobre o bosque o céu azula,
Sobre copas de uma escura cabeleira.
Um cordeirinho cacheado – eis a lua
Crescente nos campos passeia.

Despontou o chifre dela, e cortou nos azuis
De uma lagoa adormecida o espargânio, –
Aqui a água como de outro mundo flui
A estas margens afagando.

Mas a estepe sob o manto verdejante
A fumegar com um odor de cerejeira,
Atrás dos vales, pela escarpa e adiante
O novo dia já acendeu sua caldeira.

Oh minha terra das campinas de capim,
Próximo estás ao coração da igualdade.
Mas se encerra igualmente em teus confins
A salgada saudade que a todos invade.

E tu, como eu, nalguma prece dolorosa,
Te esqueces, quem amigo ou inimigo,
E só suspiras pelo fogo desta rosa
Aonde teus pombinhos cingram.

Mas no vasto azul nos surge por detrás
A escuridão de tuas próprias intempéries:
A espinha corcunda dos montes Urais,
Os grilhões de tua Sibéria.

1916²³

23 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/За_тёмной_прядьё_перелесиц_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/За_тёмной_прядьё_перелесиц_(Есенин))

Crescente, chifra a nuvem com seu corno
Se banhando na poeira azul – a lua.
Ninguém adivinha, na noite sem sono,
O porquê gritam as gruas.
Nessa noite enluarada
Desde o junco alguém correu ao ribeirão.
Loira madeixa sob a capa desatada
Com pálida mão.
Correu, olhou o curso d'água, se escorando no
Madeiro de uma árvore caída.
E seus olhos, foguinhos do pântano,
Logo murcharam que nem margaridas.
Nadou, foi embora, sumiu para longe
Na alvorada o nevoeiro onde flutua...
E a ela acenou, trás do monte,
E se banhava na poeira azul – a lua.

1916²⁴

24 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Месяц_рогом_облако_бодает_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Месяц_рогом_облако_бодает_(Есенин))

Oh terra de chuva e mau-tempo,
Este silêncio das estradas.
Pão de ló no firmamento –
Tua lua esburacada.

No úmido beijam gotinhas de chuva
A vermelha potentilha.
Uma ameixa no galho da nuvem,
Estrela madura cintila.

Enquanto verstas eu caminho
Me esquecendo das desgraças,
Sinto aromas tremesinhos
Nos azuis de tuas águas.

Caminho e respiro, me alenta o ar fresco
E o pântano traga as pegadas.
De um sublime animalesco
Tuas flores são regadas.

1916–1917²⁵

²⁵ Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/О_край_дождей_и_непогоды_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/О_край_дождей_и_непогоды_(Есенин))

No vermelho a sorveira madura,
No azul o arroio se perde.
Esmorecido cavaleiro – eis a lua
Já deixou cair a rédea.

Ergue-se outra vez dos matagais
O cisne azul da escuridade.
Sobre as asas ele traz
Miraculosas potestades.

Minha terra, por que uiva,
Lavrador para quem roga,
Testa baixa, espinha curva
No espelho das águas do Volga?

Levanta, chegou teu consolo,
Visitou-te o Salvador.
De arco-íris o fundo do olho
Eis o canto do cisne inundou.

Do sol poente o sacrifício
Redimiui o teu pecado.
Novos ventos na nevada superfície
Assobiaram de teus prados.

O grão fermentando no âmago
Teu, meu torrão, enxerguei...
De ti vou lembrar no clarão do relâmpago
Eu, Iessiênin Serguei.

1916²⁶

26 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Покраснела_рябина_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Покраснела_рябина_(Есенин))

É invisível tua voz, como a fumaça da isbá.
Por ti não cansa o coração de palpitar.

Com a imagem da aveia sobre o ícone do prato
Eu alimento meu espírito, e sou grato.

O minério do sol – só na luz se semeia:
Ao mistério do arrebol nome nenhum não se semelha.

O tempo é quem conta do sonho a areia.
Mas tu plantas – novos grãos na velha eira.

Nas campinas invisíveis crescerá tua palavra.
Pois coloca teu espírito na terra e nela lavra.

Nas mãos calejadas das gentes esteja
Edificada a badalada da igreja

E rejubile toda alma que pisou teu campo em flor,
Na neve fresca te as pegadas decifrou...

Mais bonito o esplendor na luz da alba e as
Baixadas – para o teu bater de asas – quentes pálpebras.

1916²⁷

27 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Твой_глас_незримый,_как_дым_в_избе_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Твой_глас_незримый,_как_дым_в_избе_(Есенин))

Jesus menino

E juntou a Puríssima
Aves cruas e mejengras
Na palhoça.

“Passarinhos, rezem já
Para Deus que nos livre
Do mau!”

Então rezaram pela sina
Pecadora, ou seja –
A nossa.

E no colo da Mãe
O menino comia
Mingau.

Logo vem a mejengra
Brejeira aos pulinhos
Dizer:

“Para ti, Deus-menino, eu rezei!”
A grua vem também pousar
Na mesma árvore:

“Uma vez que nos criaste,
Dá-nos algo
De comer”.

Então o nosso bom menino
O mingau repartiu
Com as aves.



Na palhoça iluminada
A Mãe Divina não ouviu
Toda a parlenga.

E logo o filho tão petiz
No banquinho pediu
Um pãozinho.

E chamou a Puríssima
Aves gruas novamente
Aves mejengras:
"Passarinhos, tragam já
De pãozinho e painço
Um cadinho".

Mas as gruas e mejengras
Demoraram, predizendo
Um temporal.

E o menino impaciente
Quer mingau, sacode a Mãe
Pelo vestido.

A Mãe Divina aos campos foi
Além da cerca
Do arraial.

Mas só do vento pelos campos
Como trote de cavalos
O estridulo.

O menino chora até
Que já formou sob o banquinho
Uma lagoa.

Todinho encharcado!
E a cegonha ouve o chamado
Da criança.

Desce e pega com jeitinho
No bico vermelho
E avoa.



Na copa do abeto Ele agora
Sobre o ninho alegremente
Se balança.

De longe a Puríssima
Mãe *não avista*
No banco o filhote.

Com alforje a tiracolo
Vagará de balde até
Que o sol se ponha.

Andou, andou e não foi pouco,
Mas ao fim das contas eis
No bosque:

Passeando distraído
Nas costas da branca
Cegonha.

E chamou a Puríssima
Aves gruas novamente
Aves mejengras:

Para todo sempre juntem
De boa semente
Um cadinho.

E para a branca esta cegonha
Que o Altíssimo passeia
Pela senda

Tragam já de olhos azuis
Bem pequerruchos
Garotinhos”.

1916²⁸

28 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Исус_младенец_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Исус_младенец_(Есенин))

Não as nuvens ao soprar de ventos frios
No moinho.

A mãe de Deus é quem amassa para o filho
Um pãozinho.

A crua massa com cevada e gergelim
Ela doura.
Assa silente, e colocando-o por fim
Na manjedoura.

Brincando alegre o Deus menino
Cai no sono.
Escapando da mão sai rolando o pãozinho
No colmo.

Portões afora e dos campos além ele rola
Ao centeio.
A alma cerúlea chora e a Virgem consola
Em seu seio.

Ela então um conselho lhe disse
Somente:
"Tu não chores nem por isso, meu cisne,
Lamentes.

Todos humanos na terra são filhos
Do pai.
Esse brinquedo de seus sonhos intranquilos
Os distrai.

É terrível nos bosques viver sob o grito
Das gruas.
Por isso chamei o pãozinho de –
Lua".

1916²⁹

29 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/То_не_тучи_бродят_за_овином_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/То_не_тучи_бродят_за_овином_(Есенин))

A noite e o campo e o canto dos galos...
Desde as nuvens espiando, Sabaoth está acerca.
Os ventos agitam com lástima os galhos
Rolando maçãs destas árvores secas.

De repente todas elas acenaram
À tristeza setembrina da cegonha!
Deita-se dormir sobre o silente campanário
A casa paterna igualmente tristonha.

Aqui, tudo está como sempre estivera,
O mesmo regato e os mesmos rebanhos.
Os salgueiros andrajosos seu vestido de miséria
Balançando no sopé de uma montanha.

Alguém perdeu-se, alguém sumiu na escuridão,
Não mais farfalha para ele o arvoredo.
Na isbá familiar sonha pacífico o fogão
Estes ombros perdidos na escura vereda.

O pudim de natal, e seu último cisco
A lua amassou sobre o branco do prato...
Mas quebra o silêncio com guinchos ariscos
Atrás do fogão algum trêmulo rato.

1916–1922³⁰

30 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Ночь_и_поле,_и_крик_петухов_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Ночь_и_поле,_и_крик_петухов_(Есенин))

Onde o mistério eternamente lá repousa
Outras campinas nos esperam.
Nas amplas florestas e rústicas chousas
O bater de asas aéreas.

Mas o infortúnio deste século é muito
E nublou a visão das celestes esferas.
Só um hóspede eu sou, um hóspede fortuito
Em tuas montanhas, oh terra.

Com teu beijo não selaste minha mão,
Não está a ti atado o meu destino.
Tu me mandas numa outra direção
Do poente ao levante ser um peregrino.

Desde o berço está escrito que meu rumo
É voar para a noite infinita.
No momento do adeus coisa nenhuma
Deixarei para quem fica.

Do aposento onde a tormenta descansou
À estrelada tua paz, abismo enorme.
Duas luas vão brilhar sob o ardor
Dos olhos meus que nunca dormem.

1917³¹

31 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Там,_где_вечно_дремлет_тайна_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Там,_где_вечно_дремлет_тайна_(Есенин))

Escorre a neve, mel de abelhas,
Ao poente sob a sebe.
E o céu molha a barra da saia vermelha,
Um bezerro nos charcos a bebe.

Tudo quieto. Olor de pão que se avizinha,
Alguém já sonha com abril.
Tosse a velha avozinha,
O peito no xale cobriu.

Ruivo menino, seu neto
Apalpa as folhas de um livrinho.
Fino é seu porte e esbelto,
Mais brancas mãos que um pergaminho.

Agradece a avó pelo seu nascimento,
Uma coisa não imaginou apenas:
Que uma mente embriagada pelo vento
Resolve errado os problemas.

Olhar severo, muitas vezes ao bebê
Voltando da ordenha ela tenta
Dar-lhe o verbo de beber,
De Pentecoste a água benta.

Mais de perto o observe:
As cães no semblante sereno.
Desde o ícone os números escreve
O servo de Deus – Damasceno.

1917³²

32 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Снег,_словно_мёд_ноздrevатый_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Снег,_словно_мёд_ноздrevатый_(Есенин))

Não de frio a sorveira tremula,
Não revolto pelo vento o mar ulula.

As claras neves de beber à terra dão,
Sonha o avô com as ribeiras do Jordão.

Vale de lagos vê, até o horizonte,
E sobre os lagos arqueadas umas pontes.

Pela pontezinha vem, ruço-amarelo seu cabelo,
Bom Jesus de São José o carpinteiro.

De manhã ao pôr do sol chama o menino
Pelos patos, pelos peixes pequeninos:

“Criaturas, vinde a mim, atrás da popa,
Me ensinai o que conversam as garopas”.

Pelas margens voçorocas e ribeiras,
Calmo corre seu colóquio corriqueiro.

Peixinho miúdo, surgido do lago,
Soa assim a sua voz de sob as águas:

“Ave tu, bendito sê, menino-Cristo,
Nós viemos ter contigo essa entrevista.

No deserto estudarás e no vergel:
Nosso segredo refletido está no céu”.

1917³³

33 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/Не_от_холода_рябинушка_дрожит_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Не_от_холода_рябинушка_дрожит_(Есенин))

À luz quente, ao portãozinho me atraí
Esse suspiro desde a casa de meu pai.

Vó e vô na varandinha esperam sós
A quem brincava entre o frescor dos girassóis.

Cabelos de mel, mãos macias, seu neto —
Uma bétula tal, tão branquinho e esbelto.

Somente que, amigo, na pobre cabana
Se afligem que sigo essa sina mundana.

A eles no escuro uma luz de alegria
Da canto do ícone a Virgem envia

E espia, com nos lábios um risinho,
E com nos braços o querido seu netinho.

1917³⁴

34 Original disponível em: [https://ru.wikisource.org/wiki/К_тёплому_свету,_на_отчий_порог_\(Есенин\)](https://ru.wikisource.org/wiki/К_тёплому_свету,_на_отчий_порог_(Есенин))

Referências bibliográficas

IESSIÊNIN, Serguei. *Pólnoie sobránie sotchiniénii v semi tomákh*. Tomo 1: Stikhotvoriénia. Moscou: Imli Ran, 2005.

IESSIÊNIN, Serguei. *Pólnoie sobránie sotchiniénii v semi tomákh*. Tomo 4: Stikhotvoriénia, ne vochédchie v "Sobránie stikhotvoriéni". Moscou: Imli Ran, 2005.